

Freud – nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos”<sup>64</sup>.

As relações com Eros, portanto, estão marcadas por uma certa ambivalência. Eros leva vantagem quanto à tarefa comum de manter unidos os homens entre si e possibilitar a consecução dos objetivos da cultura. Ananke, por sua vez, mostra toda sua força e poder sobre Eros, educando-o pelo sofrimento e frustração, reduzindo suas pretensões de uma felicidade ampla, geral e irrestrita, ao pequeno projeto de ausência de sofrimento, pelo menos na grande maioria das vezes.

### 2.3.5 – Ananke e Tanatos

Apesar de uma certa antinomia, os pais da civilização poderiam conviver numa relativa harmonia e proporcionar à sua criatura um “bem-estar” que viria naturalmente pela união do útil (trabalho) e do agradável (prazer).

Quem perturba essa relação é o poder mudo e oculto que se esconde e atua atrás de Eros<sup>65</sup>. Mesmo que esse consiga canalizar a ‘cega fúria de destrutividade’ para uma satisfação que se realiza no controle e domínio da natureza, nada, porém, poderá fazer para neutralizar os efeitos devastadores nas relações de trabalho. Atingidas em cheio pela pulsão de morte, serão marcadas pela exploração da “capacidade de trabalho sem compensação”<sup>66</sup>. O sofrimento que circula no mundo do trabalho, portanto, não decorre apenas de problemas conjunturais e históricos. Eles se radicam nesta “inata inclinação humana para a ruindade, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade”<sup>67</sup>.

<sup>64</sup> Ibidem, p.145.

<sup>65</sup> Cfr. ibidem, p.175.

<sup>66</sup> Cfr. ibidem, p.167.

<sup>67</sup> Ibidem, p.173.

Ao criticar a concepção equivocada de natureza humana por parte dos comunistas, Freud lembra que os males sociais não decorrem só da propriedade privada, porque “a agressividade não foi criada pela propriedade” e continuará mesmo sem ela dentro da civilização<sup>68</sup>.

### 3. Da Metáfora ao Conceito

Pelo que foi exposto até agora, é possível perceber que o significante Ananke condensa uma pluralidade de significações teóricas e evoca uma complexa carga emocional. Para determinar o que poderíamos chamar de conteúdo ideacional, conceito, significado de Ananke, fizemos um levantamento dos significantes correlacionados. Há uma cadeia de significantes ou uma constelação semântica que se origina de Ananke: Pai da cultura, Realidade externa, Necessidade, Trabalho, Fome, Destino, Infortúnio, Azar, Frustração externa, Inelutável. Para detectar o conteúdo emocional, registramos os adjetivos que os acompanham: temível, estranho, ameaçador, impiedoso. A partir dessas duas cadeias de significantes, o que é possível e legítimo dizer de Ananke?

#### 3.1 – Ananke: Princípio de Realidade e Pulsões

Numa análise geral, poderíamos dizer que Ananke se torna a herdeira do princípio de realidade. Acrescenta, porém, à primeira função crítica desse último com relação ao mundo do desejo e da ilusão, uma outra função, a da aceitação e resignação diante do Inelutável. A realidade não é apenas o ‘princípio’ regulador do aparelho psíquico. Não se define só negativamente como o oposto da fantasia, o diferente do sonho e da alucinação. A

<sup>68</sup> Cfr. ibidem, p.169.

mudança da libido em Eros transforma por contragolpe o princípio de realidade em Ananke, isso é, uma realidade que é ‘força, poder, Necessidade’.

A primeira inferência, de fato, que é possível tirar dos dados contextuais e analíticos coletados é a seguinte: apesar da linguagem e o estilo do *Mal-estar* se aproximarem mais do romantismo do que da sóbria linguagem científica, não nos parece que a compreensão de Ananke deva ser procurada no mito ou na filosofia e sim dentro da própria teoria freudiana do princípio de realidade e da teoria das pulsões. Nesse sentido a chave interpretativa mais adequada para entender os significados de Ananke é aquela proposta por Ricoeur e Lacan. Nem por isso, porém, Ananke perde o adjetivo de “misteriosa, conforme o próprio Freud a qualifica”<sup>69</sup>.

### 3.2 – Ananke: Educador do Desejo

Antes de tudo, Ananke continua a ser, como o princípio de realidade, o grande educador do desejo, o terapeuta das forças irracionais que mantêm os homens no infantilismo e na neurose de uma cosmovisão religiosa alicerçada na ilusão e na consolação. Ananke é o “princípio” de realidade que ensina ao prazer - pela dura mediação do sofrimento, da dor e da frustração – os caminhos proibidos, tolerados e permitidos. É o que está além do princípio do prazer e da atividade alucinatória do psiquismo. É que acompanha a ‘história do desejo’, do auto-erotismo ao amor homossexual orientado para a procriação, forçando o desejo a ultrapassar os objetos arcaicos da satisfação do prazer de tipo narcísico, a renunciar aos objetos proibidos de tipo incestuoso, a abandonar os objetos míticos do tipo da consolação ou da satisfação disfarçada do desejo.

### 3.3 – Ananke: O Mundo sem Deus

Ananke é, também e sobretudo, o mundo “sem pai”, sem Providência, numa palavra, um mundo sem Deus. É o mundo desencantado, o mundo do aquém, após renunciarmos aos céus abandonado aos anjos e paraísos. É o mundo visto e trabalhado pela ciência, o mundo frio e objetivo da Natureza com suas leis inexoráveis, a personificação de um mundo no qual não está inscrito nenhum desígnio de felicidade para o homem.

É verdade, Freud fala em ‘Pai da civilização’, mas Ananke não é um pai que evoca amparo e proteção. Amedronta exatamente porque não é pai, pelo menos no sentido infantil. É pai enquanto desafio lançado aos homens para que se unam no trabalho e garantam sua sobrevivência. É “pressão”, “força”, “poder”, “necessidade”, que se manifesta subjetivamente com a realidade da fome, que pede para ser saciada e objetivamente por leis que desconhecem o desejo e o narcisismo humano.

### 3.4 – Ananke: O Mundo com o Mal

O mundo desencantado, porém, não é apenas um mundo vazio de Deus e da consolação que o acompanha. É também o mundo habitado por um mal radical evidenciado pela pulsão de morte. Ananke é a própria realidade humana subjetiva e histórica, talvez cósmica, atravessada pelo mal radical. Daí o caráter dramático da existência humana. A luta para se manter na existência e na coexistência não é apenas contra uma realidade cega chamada Destino, mas também com uma realidade que atende pelo nome de Agressividade, Destrutividade, Crueldade, Ruindade.

<sup>69</sup> FREUD/PFISTER. *Correspondance*. O.c., p.191.

### 3.5 – Ananke: Um Encontro Marcado com a Própria Morte

Entre as leis inexoráveis da Natureza, existe uma, a da própria morte, que o homem reconhece intelectualmente, mas que tenta negar e superar ao nível do desejo, colocando a escolha no lugar da necessidade-destino e uma escolha prazerosa (a mulher mais bonita) no lugar da morte<sup>70</sup>. Ananke, nesse sentido, é a personificação da morte é *Átropos*, a inexorável, a terceira das três Parcas ou Moiras. Devemos à natureza uma morte, a nossa morte e “por causa da morte-destino, a realidade se chama necessidade e carrega o nome trágico de Ananke”<sup>71</sup>.

### 3.6 – Ananke e Compromisso Ético

Essa concepção de Ananke, porém, não conduz Freud a uma revolta metafísica ou a uma cansada resignação, mas a um verdadeiro engajamento ético.

Antes de tudo, a silenciosa Deus da Morte é a terceira forma “assumida pela figura da mãe no decorrer da vida de um homem – a própria mãe, a amada que é escolhida segundo o modelo daquela, e, por fim, a Terra Mãe que mais uma vez o recebe”<sup>72</sup>. Isso quer dizer que, além do trabalho psíquico do desejo que nos leva a negar a *compulsão da morte* pela *escolha* da Deusa do *Amor*, pode existir um trabalho de luto que nos leve a uma resignada aceitação da morte que nada tem de mórbido por não eludir nossa responsabilidade ética frente à vida.

É verdade que o fundamento dessa ética freudiana não deve ser procurada na “existência de uma capacidade original, por assim dizer, natural de distinguir o bem do mal”<sup>73</sup>. Sua origem reside no desamparo infantil e na dependência do ser humano, no medo da perda do amor da pessoa ou das pessoas de que se é dependentes. Mesmo com essas limitações, Ananke e a condição de desamparo infantil frente a ela não podem ser o alibi psicanalítico para o quietismo do desespero ou do distanciamento estóico da vida. São várias as passagens do texto de *O mal-estar* que nos relembram o dever de não ficarmos paralisados frente ao sofrimento proveniente do mundo externo: “se não podemos afastar todo o sofrimento, podemos afastar um pouco dele e mitigar outro tanto[...]”<sup>74</sup>.

Em suma e concluindo. Ananke pode ser a figuração mais adequada para designar uma teoria, como a psicanalítica, que não pretende oferece nenhum consolo ao desamparo intransponível do homem. Pode até ser, por certos aspectos, a expressão do conhecido e assumido pessimismo freudiano. Todavia, é inegável que a figura de Ananke é a grande educadora que, como no caso de Leonardo da Vinci, pode levar o homem, ser-no-mundo, à uma verdadeira sabedoria, integrando arte, ciência e ética para que seu desamparo fundamental frente ao mundo seja vivido de uma maneira menos dolorida, se não puder ser de uma forma prazerosa e feliz. Mesmo assim, espero que o leitor benevolente que nos acompanhou até aqui tenha realizado sua leitura mais na companhia de Eros do que na de Ananke.

<sup>70</sup> Cfr. FREUD, S. O tema dos três escrínios. In: *O caso de Schreber; Artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro : Imago. Ed. Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Vol. XII, p.367-379.

<sup>71</sup> RICOEUR, P. *Da interpretação*. O.c., p.268.

<sup>72</sup> FREUD, S. *O tema dos três escrínios*. O.c., p.379.

<sup>73</sup> Ibidem, p.177.

<sup>74</sup> Ibidem, p.148.

## Referência Bibliográficas

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Cinco lições de psicanálise; A história do movimento psicanalítico; O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização; Esboço de psicanálise*. Rio de Janeiro : Abril Cultural, 1978.

———. *Um estudo autobiográfico*. Vol. XX.

———. *Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensen*. Vol. IX.

———. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Vol. XI.

———. *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Vol. IX.

———. *Totem e tabu*. Vol. XIII.

———. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Vol. IX.

———. *O futuro de uma ilusão*. Vol. XXI.

———. *O problema econômico do masoquismo*. Vol. XIX.

———. *O tema dos três escrínios*. Vol. XII.

FREUD, S. *Correspondance: 1873-1939*. Paris : Gallimard, 1960.

FREUD, S. & LOU ANDREAS, S. *Correspondência completa*. Rio de Janeiro : Imago, 1975.

FREUD/PFISTER. *Correspondance de Sigmund Freud avec le pasteur Pfister: 1909-1939*. Gallimard, 1966.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. S. Paulo : Companhia das Letras, 1989.

JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.

LACAN, J. *Seminário 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro : Zahar, 1991.

RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro : Imago, 1977.

———. *O conflito das interpretações: ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro : Imago, 1978.